

APRESENTAÇÃO PRESENCIAL - III - PSICOLOGIA E QUESTÕES
CONTEMPORÂNEAS

**QUANDO TUDO VIRA TRAUMA: A PATOLOGIZAÇÃO DO SOFRIMENTO NA
CULTURA TERAPÊUTICA CONTEMPORÂNEA**

Carolina Andressa Gomes Alves (andressa.alves0@hotmail.com)

Cícero José Barbosa Da Fonseca (fonsecapsi2023@gmail.com)

Nas últimas décadas, observa-se a expansão da chamada cultura terapêutica, marcada pela centralidade da linguagem psicológica na interpretação das experiências humanas. Nesse contexto, a categoria de trauma ganha destaque e passa a operar como chave privilegiada de compreensão do sofrimento, frequentemente associado a eventos disruptivos e experiências de ruptura. No entanto, sua ampliação no discurso contemporâneo tende a abarcar um conjunto cada vez mais amplo de vivências, contribuindo para a generalização e homogeneização de experiências distintas. O presente trabalho propõe problematizar essa expansão, partindo da hipótese de que, na contemporaneidade, o trauma deixa de se referir exclusivamente a experiências singulares de ruptura para se constituir como uma gramática dominante de interpretação da vida, através da qual o sofrimento passa a ser compreendido como erro, disfunção ou inadequação individual. Tal movimento desloca o sofrer de sua dimensão existencial e social, reforçando sua leitura como algo a ser

corrigido ou suprimido. O objetivo deste estudo é analisar como essa onipresença do conceito de trauma impacta a compreensão do ser-no-mundo e a produção de subjetividades. Para tanto, articula-se uma leitura fenomenológico-existencial, inspirada nas contribuições de Karina Okajima Fukumitsu, em diálogo com Martin Heidegger e Marco Casanova, que compreendem o sofrimento não como falha técnica, mas como dimensão constitutiva da existência. Essa perspectiva é tensionada por uma abordagem crítica fundamentada em Frantz Fanon, que evidencia o caráter histórico e social da dor psíquica. A metodologia consiste em uma pesquisa teórica de revisão bibliográfica. Através desse entrecruzamento, demonstra-se que a centralidade contemporânea do trauma implica um duplo apagamento: de um lado, esvazia-se o sentido existencial do sofrimento; de outro, obscurecem-se as condições sociais e políticas que o produzem. Conclui-se que a ampliação indiscriminada do conceito dificulta a distinção entre experiências que demandam intervenção clínica e aquelas inerentes à condição humana, contribuindo para a produção de sujeitos convocados à autorregulação e à responsabilização individual, deslocando o foco da medicalização da vida para a análise das transformações no modo como o sofrer é nomeado e significado na cultura atual.

Palavras-chave: trauma; cultura terapêutica; fenomenologia existencial; sofrimento; contemporaneidade.